

Kate Kirkpatrick

Simone de Beauvoir

uma vida

Tradução
Sandra Martha Dolinsky

CRÍTICA

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Kate Kirkpatrick, 2019

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020

Todos os direitos reservados.

Esta tradução de *Becoming Beauvoir: A Life* foi publicada em acordo com Bloomsbury Publishing Plc.

Título original: *Becoming Beauvoir: A Life*

PRODUÇÃO EDITORIAL: Nine Editorial

CAPA: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

IMAGEM DE CAPA: Irving Penn/The Irving Penn Foundation

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Kirkpatrick, Kate

Simone de Beauvoir: uma vida / Kate Kirkpatrick; tradução de Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

416 p.

ISBN: 978-85-422-1886-2

Título original: *Becoming Beauvoir: A Life*

1. Beauvoir, Simone de, 1908-1986 – Biografia 2. Filósofas – França – Biografia
3. Feministas – Biografia I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

20-1125

CDD 194

Índices para catálogo sistemático:

1. Filósofas francesas

2020

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

“Todas as relações entre mulheres, pensei – recordando rapidamente a esplêndida galeria de mulheres fictícias –, são muito simples. Tanta coisa foi deixada de fora, sem que se tentasse. [...] quase sem exceção, elas são mostradas em sua relação com os homens.”

VIRGINIA WOOLF, *UM QUARTO SÓ SEU*

“Emancipar a mulher é recusar-se a encerrá-la nas relações que ela mantém com o homem, mas não as negar a ela.”

SIMONE DE BEAUVOIR, *O SEGUNDO SEXO*

CRÍTICA

CRÍTICA

A Pamela
in memoriam amoris amicitiae

CRÍTICA

Sumário

Lista de figuras	10
Abreviações das obras de Beauvoir	11
Introdução: Simone de Beauvoir – Quem é ela?	13
1 Criada como uma garota.....	34
2 A moça bem-comportada.....	43
3 Amante de Deus ou amante dos homens?	70
4 O amor antes da lenda.....	83
5 A valquíria e o playboy.....	95
6 Um quarto só seu.....	100
7 O trio que era um quarteto.....	128
8 Guerra dentro, guerra fora.....	149
9 Filosofia esquecida	171
10 Rainha do existencialismo.....	186
11 Dilemas americanos	206
12 O escandaloso <i>O segundo sexo</i>	226
13 Dando um novo rosto ao amor	245
14 Sentindo-se enganada	278
15 A velhice revelada.....	317
16 O ocaso da luz	343
17 Posfácio: O que será de Simone de Beauvoir?	359
Notas	366
Bibliografia selecionada	400
Agradecimentos.....	406
Créditos das imagens.....	408
Índice remissivo.....	409

Lista de figuras

1	Simone cercada por sua família paterna em Meyrignac.....	33
2	Françoise de Beauvoir com Hélène e Simone	39
3	Simone e Zaza	81
4	Desenho de René Maheu, “O universo de <i>Mlle</i> Simone de Beauvoir”	114
5	Desenho de Jacques-Laurent Bost	142
6	Beauvoir e Sartre em Juan-les-Pins	148
7	Beauvoir trabalhando no café Les Deux Magots.....	184
8	No ar em 1945, o ano da “ofensiva existencialista”	194
9	Simone de Beauvoir e Nelson Algren em Chicago.....	217
10	Simone dando autógrafos em São Paulo.....	285
11	Claude Lanzmann, Beauvoir e Jean-Paul Sartre em Gizé.....	309
12	Beauvoir com Sylvie Le Bon e Sartre na Piazza Navonna, Roma ...	318
13	Beauvoir em casa, em Paris	322
14	Uma cena da vida ativista de Beauvoir: no debate sobre mulheres e o Estado em Paris	356

Abreviações das obras de Beauvoir

- A** *Adieux: A Farewell to Sartre*, trad. Patrick O'Brian, Londres: Penguin, 1984.
- ADD** *America Day by Day*, trad. Carol Cosman, Berkeley: University of California Press, 1999.
- AMM** *All Men Are Mortal*, trad. Euan Cameron e Leonard Friedman, Londres: Virago, 2003.
- ASD** *All Said and Done*, trad. Patrick O'Brian, Londres: Penguin, 1977.
- BB** *Brigitte Bardot and the Lolita Syndrome*, trad. Bernard Frechtman, Londres: Four Square, 1962. Primeira publicação em *Esquire*, 1959.
- BI** *Les Belles Images*, Paris: Gallimard, 1972.
- BO** *The Blood of Others*, trad. Yvonne Moyse e Roger Senhouse, Londres: Penguin, 1964.
- CC** *Correspondence croisée*, Paris: Gallimard, 2004.
- CJ** *Cahiers de jeunesse*, Paris: Gallimard, 2008.
- DPS** *Diary of a Philosophy Student: Volume I, 1926-27*, ed. Barbara Klaw, Sylvie Le Bon de Beauvoir e Margaret Simons, Urbana: University of Illinois Press, 2006.
- EA** *Ethics of Ambiguity*, trad. Bernard Frechtman, Nova York: Citadel Press, 1976.
- FC** *Force of Circumstance*, trad. Richard Howard, Londres: Penguin, 1987.
- FW** *Feminist Writings*, ed. Margaret A. Simons e Marybeth Timmerman, Urbana: University of Illinois Press, 2015.
- LM** *The Long March*, trad. Austryn Wainhouse, Londres: Andre Deutsch and Weidenfeld & Nicholson, 1958.
- LS** *Letters to Sartre*, trad. Quentin Hoare, Nova York: Arcade, 1991.
- M** *The Mandarins*, trad. Leonard Friedman, Londres: Harper Perennial, 2005.
- MDD** *Memoirs of a Dutiful Daughter*, trad. James Kirkup, Londres: Penguin, 2001.

- MPI** *Mémoires*, tome I, ed. Jean-Louis Jeannelle and Eliane Lecarme-Tabone, Bibliothèque de la Pléiade, Paris: Gallimard, 2018.
- MPII** *Mémoires*, tome II, ed. Jean-Louis Jeannelle and Eliane Lecarme-Tabone, Bibliothèque de la Pléiade, Paris: Gallimard, 2018.
- OA** *Old Age*, trad. Patrick O'Brian, Harmondsworth: Penguin, 1977.
- PL** *The Prime of Life*, trad. Peter Green, Londres: Penguin, 1965.
- PW** *Philosophical Writings*, ed. Margaret Simons, com Marybeth Timmerman e Mary Beth Mader, Chicago: University of Illinois Press, 2004.
- PolW** *Political Writings*, ed. Margaret Simons, com Marybeth Timmerman, Chicago: University of Illinois Press, 2012.
- QM** *Quiet Moments in a War: The Letters of Jean-Paul Sartre and Simone de Beauvoir 1940-1963*, trad. Lee Fahnestock e Norman MacAfee, Londres: Hamish Hamilton, 1993.
- SCTS** *She Came to Stay*, trad. Yvonne Moyse e Roger Senhouse, Londres: Harper Perennial, 2006.
- SS** *The Second Sex*, trad. Constance Borde e Sheila Malovany-Chevallier, Londres: Vintage, 2009.
- SSP** *The Second Sex*, trad. H. M. Parshley, Nova York: Random House, Vintage, 1970.
- TALA** *A Transatlantic Love Affair: Letters to Nelson Algren*, Nova York: New Press, 1998.
- TWD** *The Woman Destroyed*, trad. Patrick O'Brian, Londres: Harper Perennial, 2006.
- UM** *"The Useless Mouths" and Other Literary Writings*, ed. Margaret A. Simons e Marybeth Timmerman, Urbana: University of Illinois Press, 2011.
- VED** *A Very Easy Death*, trad. Patrick O'Brian, Nova York: Pantheon, 1965.
- WD** *Wartime Diary*, ed. Margaret A. Simons and Sylvie le Bon de Beauvoir, Urbana: University of Illinois Press, 2009.
- WML** *Witness to My Life: The Letters of Jean-Paul Sartre to Simone de Beauvoir, 1926-1939*, ed. Simone de Beauvoir, trad. Lee Fahnestock e Norman MacAfee, Londres: Hamish Hamilton, 1992.
- WT** *When Things of the Spirit Come First: Five Early Tales*, trad. Patrick O'Brian, Londres: Flamingo, 1982.

Introdução

Simone de Beauvoir – Quem é ela?

Certo dia, em 1927, Simone de Beauvoir teve um desentendimento com o pai sobre o significado do amor. Em uma época em que a expectativa para as mulheres era desejar o casamento e a maternidade, Simone, de 19 anos, lia filosofia e sonhava em encontrar uma pela qual pudesse viver. Seu pai alegava que “amor” significava “serviços prestados, carinho, gratidão”. Ela tinha que discordar; objetava, com espanto, que o amor era mais que gratidão, não algo que devemos a alguém por causa do que fez por nós. “Muitas pessoas”, escreveu Beauvoir em seu diário no dia seguinte, “nunca conheceram o amor!”.¹

Essa garota de 19 anos não sabia que se tornaria uma das mulheres intelectuais mais famosas do século XX, que se escreveria copiosamente sobre sua vida e que seria amplamente lida. Só suas cartas e autobiografia somariam mais de 1 milhão de palavras,² e ela publicaria ensaios filosóficos, romances premiados, contos, uma peça de teatro, diários de viagem, ensaios políticos, jornalismo – sem falar de sua *magnum opus*, *O segundo sexo*, celebrado como “a bíblia feminista”. Ela foi cofundadora de revistas políticas, fez bem-sucedidas campanhas por nova legislação, opôs-se ao tratamento desumano dos argelinos, deu palestras em todo o mundo e liderou comissões governamentais.

Simone de Beauvoir também se tornaria uma das mulheres mais infames do século XX. Ela e Jean-Paul Sartre formavam um controverso casal de poder intelectual. Mas, infelizmente, em grande parte da percepção popular do século XX, ele contribuía com a parte do poder intelectual e ela com a de casal. Quando ela morreu, em Paris, 1986, a manchete do obituário do *Le Monde* se referiu a seu trabalho como “mais popularização que criação”.³ Lendo as biografias existentes dela,

Toril Moi escreveu em 1994: “Podemos ser perdoados por concluir que o significado de Simone de Beauvoir deriva majoritariamente de sua ligação relativamente heterodoxa com Sartre e outros amantes”.⁴

Nas décadas que se passaram desde que essas palavras foram escritas, surgiu uma série de revelações sobre Beauvoir, surpreendendo leitores que achavam que a conheciam. Mas eles também – ironicamente – haviam obscurecido a Beauvoir pensadora, perpetuando a ilusão de que sua vida amorosa era a coisa mais interessante nela. Afinal, foi sua filosofia que a levou a viver – e a continuamente refletir e reavaliar – a vida que ela vivia. Em suas palavras: “Não há divórcio entre filosofia e vida. Cada passo é uma escolha filosófica”.⁵

Quando a figura pública Simone de Beauvoir tomou a caneta, escreveu não só para si mesma, mas também para seus leitores. Suas autobiografias, campeãs de vendas, foram descritas como obras que personificavam uma ambição filosófica de mostrar “como o eu sempre é moldado pelos outros e relacionado aos outros”.⁶ Mas o que Beauvoir queria dizer ia além do “ninguém é uma ilha” de John Donne. Pois, além de serem relacionadas a outros, as autobiografias de Beauvoir são sustentadas pela convicção de que ser “si mesmo” não significa ser o mesmo desde o nascimento até a morte. Ser “si mesmo” implica mudanças perpétuas com outras pessoas que também estão mudando, em um processo de devir irreversível.

Filósofos desde Platão discutiram a importância da autocompreensão para viver uma vida boa. Sócrates afirmava que para ser sábio é preciso “conhecer a si mesmo.”; Nietzsche escreveu que a tarefa de cada pessoa é “Tornar-se quem você é!”. Mas a réplica filosófica de Beauvoir era: e se, como mulher, “quem você é” for proibido? E se transformar-se em si mesmo significar ser visto como um fracasso em ser o que deveria ser – um fracasso como mulher, ou como amante ou como mãe? E se transformar-se em si mesmo fizer de você alvo do ridículo, despeito ou vergonha?

O século de Beauvoir viu mudanças sísmicas nas possibilidades disponíveis para as mulheres. Durante sua vida (1908-1986), as mulheres passaram a ser admitidas nas universidades nos mesmos termos que os homens e ganharam o direito a voto, divórcio e contracepção. Ela viveu o florescimento boêmio da década de 1930 em Paris e a revolução sexual da década de 1960. Entre esses pontos de reviravolta cultural, *O segundo*

sexo marcou um momento revolucionário na maneira como as mulheres pensavam – e, com tempo, falavam francamente – sobre si mesmas em público. A educação filosófica de Beauvoir não tinha precedentes em sua geração, mas, mesmo assim, quando tinha trinta e poucos anos e começou a pensar na pergunta “o que significa ser mulher para mim?”, ficou chocada com suas próprias descobertas.

Em um século durante o qual “feminismo” passou a significar muitas coisas diferentes, ela escreveu *O segundo sexo* porque estava irritada com os “volumes de idiotices” que eram lançados sobre as mulheres, cansada da tinta que fluía na “briga sobre o feminismo”.⁷ Mas, quando Beauvoir escreveu sua agora famosa frase “Não se nasce mulher; torna-se mulher”, não sabia quanto *O segundo sexo* afetaria o resto de sua vida e das mulheres que vieram depois dela.

Muita tinta foi dedicada ao significado dessa frase, ao que significa “tornar-se” uma mulher. Este livro é dedicado a como Beauvoir *se tornou* ela mesma. Aos 18 anos, Beauvoir escreveu que havia chegado à conclusão de que era impossível “colocar sua vida em ordem no papel” porque era um devir perpétuo; ela dizia que quando lia o que havia escrito em seu diário no dia anterior, era como ler “múmias” de “eus mortos”.⁸ Ela era uma filósofa, com tendência a refletir e a questionar eternamente os valores de sua sociedade e o significado de sua vida.

Devido ao papel que Beauvoir atribuía à passagem do tempo na experiência do ser humano, esta biografia segue a cronologia de sua vida. Segundo ela, à medida que envelhecia, o mundo mudava e seu relacionamento com ele também. Quando Beauvoir escrevia sua vida com o propósito de que outras pessoas a lessem, queria “mostrar as transformações, os amadurecimentos, a deterioração irreversível dos outros e de mim”. Visto que a vida se desenrola com o tempo, ela queria seguir “o fio que os anos desenrolavam”.⁹ Nisso, ela se parecia com a jovem que havia sido, a adolescente que lia a filosofia de Henri Bergson. O “si mesmo” não é uma coisa, escreveu Bergson; é um “progresso”, uma “atividade viva”,¹⁰ um devir que continua mudando até atingir seu limite, na morte.

A mulher que Beauvoir se tornou foi, em parte, resultado de suas próprias escolhas. No entanto, Beauvoir estava ciente da tensão entre ser

causa de si mesma e produto de outras pessoas, do conflito entre seus próprios desejos e as expectativas dos outros. Durante séculos, os filósofos franceses debateram se é melhor viver a vida sendo visto ou sendo invisível aos outros. Descartes afirmava (tomando emprestadas as palavras de Ovídio) que “para viver bem, devemos viver invisíveis”.¹¹ Sartre escreveria resmas sobre o “olhar” despersonalizador dos outros – que achava que nos aprisiona em relações de subordinação. Beauvoir discordava: para viver bem, os seres humanos devem ser vistos pelos outros – mas da maneira certa.

O problema é que ser visto da maneira certa depende de quem nos está vendo e do momento. Imagine que você é uma mulher de cinquenta e poucos anos e recentemente decidiu escrever sua história de vida. Você começa com sua infância e juventude, a transição a mulher, e publica dois livros de sucesso um atrás do outro. Neles você descreve duas conversas que teve aos 21 anos com um homem, agora famoso, que já foi seu amante. Você também é bem-sucedida e conhecida internacionalmente. Mas é final da década de 1950, e a vida de escritora para as mulheres ainda não atingiu o momento decisivo do século XX em que elas começaram a admitir publicamente que tinham ambições, e raiva, e muito menos que tinham notáveis conquistas intelectuais ou um apetite sexual que poderia não ser atendido mesmo por um homem muito famoso. Imagine que suas histórias se tornam lendárias – tão lendárias que se transformam em uma lente através da qual as pessoas leem sua vida inteira, mesmo que essas histórias sejam apenas momentos nela.

A personalidade pública de Beauvoir foi moldada – a ponto de ser deformada – por duas dessas histórias que ela contou em suas memórias. A primeira nos leva a Paris, em outubro de 1929, quando dois estudantes de filosofia estavam sentados em frente ao Louvre definindo seu relacionamento. Eles haviam acabado de tirar o primeiro e segundo lugar (Sartre em primeiro, Beauvoir em segundo) em um exame nacional altamente prestigioso e competitivo e estavam prestes a embarcar nas suas carreiras de professores de filosofia. Jean-Paul Sartre tinha 24 anos, Beauvoir tinha 21 anos. Sartre (conforme a história é contada) não queria a fidelidade convencional, de modo que fizeram um “pacto” segundo o qual eles eram o “amor essencial” um do outro, mas consentiam que

cada um tivesse amores “contingentes” paralelamente.¹² Seria um relacionamento aberto, mantendo reservado o primeiro lugar no coração um do outro. Eles contariam tudo um ao outro, disseram; e, para começar, seria um “contrato de dois anos”. Esse casal se tornaria, como disse Annie Cohen-Solal, biógrafa de Sartre, “um modelo para se imitar, um sonho de cumplicidade duradoura, um sucesso extraordinário, pois, aparentemente, parecia reconciliar o inconciliável: os dois parceiros permaneciam igualmente livres, e honestos um com o outro”.¹³

Seu “pacto” poliamoroso provocou tanta curiosidade que foram escritas biografias sobre seu relacionamento tanto quanto sobre a vida individual de cada um; ganharam um capítulo inteiro em *How the French Invented Love*; eram chamados de “o primeiro casal moderno” nas manchetes.¹⁴ Carlo Levi descreveu *A força da idade*, de Beauvoir, como um livro que conta “a grande história de amor do século”.¹⁵ Em seu livro (2008) sobre o relacionamento de Beauvoir e Sartre, Hazel Rowley escreveu: “Como Abélard e Héloïse, eles estão enterrados em um túmulo conjunto, seus nomes ligados por toda a eternidade. Eles são um dos casais lendários do mundo. Não podemos pensar em um sem pensar no outro: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre”.¹⁶

Em certo sentido, este livro existe porque é difícil pensar em um sem o outro. Depois de trabalhar com a filosofia inicial de Sartre durante vários anos, eu fiquei cada vez mais desconfiada das assimetrias no modo como a vida de Beauvoir e a de Sartre foram consideradas. Por que razão, quando Beauvoir morreu, todos os obituários dela mencionaram Sartre, ao passo que quando Sartre morreu, alguns não fizeram o mesmo.

Durante grande parte do século XX, e até mesmo no século XXI, Beauvoir não foi lembrada como filósofa por mérito próprio. Em parte, isso se deve a uma segunda história significativa que a própria Beauvoir contou. No início de 1929, também em Paris, diante da Fontaine Medicis nos Jardins de Luxemburgo, Beauvoir decidiu contar a Sartre suas ideias sobre a “ética pluralista” que estava desenvolvendo em seu caderno; mas Sartre “a criticou”, e, de repente, ela se sentiu insegura acerca de sua “verdadeira capacidade” intelectual.¹⁷ Há poucas dúvidas de que ela foi uma das estudantes de filosofia de maior destaque em uma época famosa por tantos prodígios; naquele verão – aos 21 anos –, ela seria a

pessoa mais jovem a passar nos altamente competitivos exames de *agrégation*. Assim como Sartre, o filósofo Maurice Merleau-Ponty procurou Beauvoir por causa de sua conversa, e a valorizou o bastante a ponto de se envolver com ela pessoal e profissionalmente durante as próximas décadas. No entanto, mesmo mais tarde, Beauvoir insistiria: “Não sou filósofa... [Eu sou] uma escritora literária”, afirmava; “Sartre é o filósofo”.¹⁸

Essa conversa diante da Fontaine Medicis levou as gerações posteriores a perguntar: Beauvoir – a mesma mulher que escreveu *O segundo sexo* – subestimava, ou fingia subestimar, sua própria capacidade? Por que ela faria uma dessas coisas? Beauvoir era uma figura formidável: muitas das suas realizações foram sem precedentes, e abriram caminho para as mulheres que viriam depois. Nos círculos feministas, ela é celebrada como um ideal exemplar, “um símbolo da possibilidade, apesar de tudo, de viver a vida da maneira como se quer, para si mesma, livre de convenções e preconceitos, mesmo sendo mulher”.¹⁹ De qualquer maneira, um dos postulados centrais de *O segundo sexo* é que nenhuma mulher jamais viveu sua vida “livre de convenções e preconceitos”. Beauvoir certamente não viveu. E esta biografia conta a história de como, de muitas maneiras, ela sofreu com eles – e de como reagiu.

Leitores próximos de Beauvoir sempre suspeitaram de que ela editava sua imagem em sua autobiografia, mas nem sempre estava claro como ou por que fazia isso. Afinal, a história do pacto mostrava uma mulher comprometida com dizer a verdade, e a autora de *O segundo sexo* queria esclarecer a realidade da situação das mulheres. Acaso seu compromisso com o escrutínio ficou aquém dela mesma? Senão, por que ela escondia partes significativas de sua vida – intelectuais e pessoais? E por que é importante reconsiderar a maneira como sua vida é lembrada agora?

A primeira resposta a essas perguntas – existem duas – é que temos acesso a novos materiais. As autobiografias de Beauvoir foram publicadas em quatro volumes entre 1958 e 1972. Ao longo de sua vida, ela escreveu muitos outros trabalhos que continham material autobiográfico, incluindo duas crônicas de suas viagens ao Estados Unidos (1948) e à China (1957), e duas memórias, da morte de sua mãe (1964) e de Sartre (1981). Também publicou uma seleção das cartas que Sartre lhe enviou (1983).²⁰

Durante sua vida, alguns membros do círculo que se formou em torno de Sartre e Beauvoir – conhecidos patronimicamente como “a família Sartre” (*la famille Sartre*), ou, mais simplesmente, “a família” – achavam que entendiam o que Beauvoir estava fazendo com seu projeto autobiográfico: mantendo-se ela mesma no controle de sua imagem pública. Muitos concluíram que ela fez isso por ciúmes, porque queria ser lembrada como a primeira na vida romântica de Sartre, como seu “amor essencial”.

Mas, nas décadas desde a morte de Beauvoir, em 1986 foram divulgados novos diários e cartas que desafiam essa suposição. Depois que Beauvoir publicou, em 1983, as cartas que Sartre lhe enviava, ela perdeu alguns amigos quando foram revelados os detalhes de seus relacionamentos. E quando o diário de guerra e as cartas a Sartre foram publicados, após a morte dele em 1990, muitos ficaram chocados ao saber que ela não só tinha relações lésbicas, mas também que as mulheres com quem se relacionava eram ex-alunas. Suas cartas a Sartre também expuseram o caráter filosófico de sua amizade e da influência de Beauvoir no trabalho dele – mas isso provocou menos comentários.²¹

Depois, foram lançadas suas cartas para seu amante estadunidense Nelson Algren, em 1997, e o público de novo viu uma Beauvoir que jamais imaginara: uma Simone doce e sensível que escreveu mais palavras apaixonadas para Algren que para Sartre. Menos de uma década depois, em 2004, sua correspondência com Jacques-Laurent Bost foi publicada em francês, mostrando que na primeira década de seu pacto com Sartre, Beauvoir havia tido outro caso ardente com um homem que esteve perto dela até sua morte. Foi outro choque, que afastou Sartre do zênite romântico que ele ocupava na imaginação do público. Sartre lutou para estabelecer a centralidade de Beauvoir em sua vida intelectual, reconhecendo publicamente a rigorosa influência crítica dela em sua obra. Mas, avaliar a vida de Beauvoir parece forçosamente exigir afastar Sartre do centro.

Na última década, foram lançadas mais novas publicações e documentos que mostram Beauvoir sob uma luz ainda mais clara. Os diários dos alunos de Simone – que mostram o desenvolvimento da filosofia de Beauvoir antes de conhecer Sartre e suas primeiras impressões sobre

o relacionamento dos dois – revelam que a vida que ela vivia era muito diferente da que contava ao público. Embora esses diários tenham sido publicados em francês em 2008, ainda não estão disponíveis na íntegra em inglês, portanto, esse período da vida dela não é bem conhecido fora dos círculos acadêmicos. E em 2018, mais material novo se tornou disponível aos pesquisadores, incluindo cartas que Beauvoir escreveu para o único amante com quem morou ou a quem se dirigiu pelo pronome familiar, que entregava a intimidade, da segunda pessoa, tu: Claude Lanzmann.²² No mesmo ano, uma prestigiada edição em dois volumes, da Pléiade, das memórias de Beauvoir foi lançada na França, com trechos de diários não publicados e notas para seus manuscritos. Além dessas publicações em francês, nos últimos anos, a série Beauvoir, editada por Margaret Simons e Sylvie Le Bon de Beauvoir, encontrou, traduziu e publicou ou republicou muitos dos primeiros escritos de Beauvoir, de seus ensaios filosóficos sobre ética e política a artigos que ela escreveu para a *Vogue* e a *Harper's Bazaar*.

Esse novo material mostra que Beauvoir omitiu bastante coisa de suas memórias – mas também mostra algumas das razões de suas omissões. Na era da internet saturada pela mídia, é difícil imaginar até que ponto a publicação da autobiografia de Beauvoir desafiou as convenções contemporâneas de privacidade. Seus quatro volumes (ou seis, contando as memórias da morte de sua mãe e de Sartre) cultivavam uma sensação de familiaridade íntima em seus leitores. Mas ela não havia prometido contar tudo: de fato, disse aos leitores que havia deliberadamente deixado algumas coisas obscuras.²³

O novo material mais recente – seus diários e cartas inéditas para Claude Lanzmann – mostra que não foram apenas os amantes que ela deixou na obscuridade, mas também a gênese de sua filosofia de amor e a influência desta em Sartre. Ao longo de sua vida, ela foi atormentada por pessoas que duvidavam de sua capacidade ou originalidade – alguns até sugeriram que Sartre escrevia seus livros. Até o faraônico *O segundo sexo* foi acusado de repousar em “dois postulados limitados” que Beauvoir tirou de *O ser e o nada* de Sartre; ela foi acusada de se referir às obras dele “como se fossem um texto sagrado”.²⁴ Em alguns de seus escritos, ela explicitamente condena tais deprecições como falsas.

Mas elas a afligiram na vida e após a morte: além daquele que a chamava de “popularizadora”, outro obituário a declarou, com desdém, “incapaz de inovar”.²⁵

Pode ser uma surpresa para os leitores de hoje ouvir essa mulher ser acusada de falta de originalidade. Mas foi (e ainda é, infelizmente) uma alegação feita com frequência contra mulheres escritoras – e muitas vezes internalizada por elas. Beauvoir tinha suas próprias ideias, e algumas muito parecidas com as que deram fama a Sartre; houve um ano em que ela publicou assinando o nome dele, porque ele estava ocupado, e ninguém notou. Sartre reconheceu que havia sido ideia de Beauvoir transformar *A náusea* em um romance, e não em um tratado filosófico abstrato, e que Simone era uma crítica rigorosa cujas ideias melhoravam seus manuscritos antes da publicação durante toda sua longa carreira. Nas décadas de 1940 e 1950, ela escreveu e publicou sua própria filosofia, criticando Sartre e depois mudando de ideia. Em sua autobiografia posterior, ela se defendeu contra ataques a suas habilidades, alegando abertamente que tinha sua própria filosofia sobre o ser e o nada antes de conhecer Sartre (que escreveu o livro *O ser e o nada*), e que não chegara às mesmas conclusões que ele. Mas essas afirmações sobre sua própria independência e originalidade seriam amplamente ignoradas, assim como suas alegações de que algumas coisas que as pessoas chamavam de “sartreanas” não eram originais de Sartre.

Isso me leva à minha segunda resposta à pergunta do por que devemos reconsiderar a vida de Beauvoir agora. Uma biografia pode revelar o que interessa à sociedade, o que ela valoriza – e ao encontrar os valores de outra pessoa em outro momento, podemos aprender mais sobre os nossos.

O segundo sexo criticou muitos “mitos” da feminilidade por serem projeções dos medos e fantasias dos homens sobre as mulheres.²⁶ Muitos desses mitos implicam deixar de ver as mulheres como agentes – como seres humanos conscientes que fazem escolhas e desenvolvem projetos para sua vida, que querem amar e ser amados como tal e que sofrem quando são reduzidos a objetos aos olhos dos outros. Antes de conhecer Sartre, um ano antes de discutir com seu pai sobre o amor, Beauvoir, de 18 anos, escreveu em seu diário: “Há várias coisas que odeio no amor”.²⁷ Suas objeções eram éticas: os homens não sustentavam os mesmos ideais que

as mulheres. Beauvoir foi criada sob uma tradição que ensinava que se tornar uma pessoa ética implicava aprender a “amar seu próximo como a si mesmo”. Mas, na experiência de Beauvoir, essa injunção era raramente aplicada: as pessoas pareciam sempre se amar demais ou de menos; nenhum exemplo de amor nos livros ou na vida satisfazia suas expectativas.

Não está claro se as expectativas de Beauvoir foram satisfeitas pelos amores que ela teve. Mas é evidente que Beauvoir tomou e reafirmou sua decisão de viver uma vida filosófica, uma vida reflexiva guiada por seus próprios valores intelectuais, uma vida de liberdade. E escolheu fazer isso escrevendo sob diversas formas literárias – e em conversas com Sartre durante toda sua vida. É importante reconsiderar a vida de Beauvoir agora porque ela e Sartre estavam unidos na imaginação popular por uma palavra muito ambígua – “amor” –, e “amor” era um conceito que ela submeteu a décadas de escrutínio filosófico.

Reconsiderar a vida de Beauvoir também é importante porque, com o tempo, ela foi ficando insatisfeita com o modo como sua vida era retratada – com a maneira pela qual a pessoa “Simone de Beauvoir” se afastava da narrativa do casamento convencional, mas para ser substituída por outra trama erótica. Mesmo após sua morte, suposições generalizadas sobre “o que as mulheres querem” e “o que as mulheres podem fazer” afetaram a maneira como a vida de Beauvoir é lembrada. Seja romântica ou intelectualmente, ela foi tida como presa de Sartre.

Romanticamente, a ideia de que Beauvoir foi vítima de Sartre depende fortemente da suposição de que no “amor” – concernente a todas as mulheres, se forem realmente honestas consigo mesmas – elas querem a monogamia com os homens para sempre. Nas cinco décadas do “casal lendário”, Sartre cortejou publicamente várias mulheres “contingentes”. Beauvoir, por outro lado, parecia (porque foram omitidas em suas memórias) ter poucas relações contingentes com homens, todas já terminadas aos seus cinquenta e poucos anos. Com base nisso, alguns concluíram que Sartre a enrolou em um relacionamento explorador, no qual, apesar de serem solteiros, eles desempenhavam as partes bastante familiares de mulherengo irresponsável e mulher fiel. Às vezes, sua vida é descrita como vítima de normas patriarcais que sugerem, entre outras coisas, que uma mulher madura ou intelectual não é tão

romanticamente desejável quanto um homem maduro ou intelectual. E às vezes ela é vítima de sua própria tolice. Como colocou sua ex-aluna Bianca Lamblin: Beauvoir “plantou as sementes de sua própria infelicidade” ao recusar o casamento e a família.²⁸ Louis Menand escreveu no *The New Yorker* que “Beauvoir era formidável, mas não era feita de gelo. Embora seus casos, na maioria das vezes, fossem casos de amor, fica evidente em quase todas as páginas que escreveu que ela teria desistido de todos se pudesse ter Sartre só para si”.

Por outro lado, os diários dos alunos de Beauvoir mostram que poucas semanas depois de conhecer Jean-Paul Sartre, ela atribuiu a ele um único papel insubstituível: ela ficara encantada por ter encontrado Sartre, e escrevera: ele “está em meu coração, em meu corpo, e acima de tudo (*pois meu coração e meu corpo muitos outros poderiam ter*), é o amigo incomparável de meu pensamento.”²⁹ Era mais amizade que amor, explicou mais tarde em carta a Nelson Algren, porque Sartre “não liga muito para a vida sexual. Ele é um homem ardente e animado em todos os lugares, menos na cama. Eu logo senti isso, embora não tivesse experiência; e, pouco a pouco, parecia inútil e até indecente continuarmos sendo amantes”.³⁰

Teria sido “a grande história de amor do século” basicamente a história de uma amizade?

Intelectualmente, Beauvoir também foi retratada como vítima de Sartre, do patriarcado ou como um fracasso pessoal. Teria Beauvoir internalizado a misoginia? Acaso não tinha confiança em sua própria capacidade filosófica? Ao longo de sua vida pública, Beauvoir foi acusada de “popularizar” as ideias de Sartre. Ela foi considerada – tomando emprestada a metáfora de Virginia Woolf – um espelho de aumento com “o poder mágico e delicioso de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural”.³¹ Pior ainda, ela foi acusada de estar satisfeita em desempenhar esse papel reflexivo.

Mas é difícil saber quanto o status “secundário” dela se deve aos próprios Beauvoir e Sartre e quanto atribuí-lo ao sexismo cultural generalizado. Ainda hoje, sabemos que as mulheres são mais frequentemente descritas em termos relacionais (pessoais ou familiares) que profissionais; que é mais provável que sejam descritas com verbos passivos que com

ativos; que estão sujeitas a distinções negativas de gênero (por exemplo, “apesar de ser mulher, Simone pensava como homem”), e são parafraseadas, em vez de citadas em sua própria voz.

Notáveis comentários abrangendo a carreira de Beauvoir fornecem uma ilustração após a outra de sua definição pública como parceira dependente de Sartre, ou pior:

***The New Yorker*, 22 de fevereiro de 1947**

“A contraparte intelectual feminina de Sartre”; “a existencialista mais bonita que já se viu.”

William Barrett (filósofo), 1958

*“Aquela mulher, amiga dele, que escreveu um livro de protesto feminino.”*³²

***La Petit Larousse*, 1974**

“Simone de Beauvoir: mulher de letras, discípula de Sartre.”

***The Times*, de Londres, 1986**

*“Em seu pensamento filosófico e político, ela se guia por ele.”*³³

***La Petit Larousse*, 1987**

“Simone de Beauvoir: discípula e companheira de Sartre, e uma feminista ardente.”

Deirdre Bair, primeira biógrafa de Beauvoir, 1990

*“Companheira” de Sartre, que “aplica, divulga, esclarece, apoia e administra” os “princípios filosóficos, estéticos, éticos e políticos” dele.*³⁴

Suplemento Literário do *The Times*, 2001

*“Escrava sexual de Sartre?”*³⁵

Como muitas das próprias palavras de Beauvoir não estavam disponíveis até recentemente, até alguns de seus comentaristas mais perspicazes a consideravam alguém que sucumbiu passivamente ao feitiço de Sartre. Intelectualmente, Beauvoir foi descrita como uma “filósofa no armário”, que renunciou à filosofia (tornando-se “segunda em relação a Sartre”) porque considerava o sucesso intelectual “incompatível com a sedução”.³⁶ Toril Moi escreveu que, romanticamente, o relacionamento de Beauvoir com Sartre era “a única área sacrossanta de sua vida a ser protegida mesmo contra sua própria atenção crítica”.³⁷ Bell Hooks escreveu

que “Beauvoir aceitou passivamente que Sartre se apropriasse de suas ideias sem dar créditos à fonte”.³⁸ Mas, pessoalmente, Beauvoir foi crítica de Sartre desde os primeiros dias de seu relacionamento; e filosoficamente, ela defendia sim sua própria originalidade – se bem que é verdade que isso se tornaria mais pronunciado mais tarde, depois de ver como eram infladas e unilaterais as alegações acerca da influência de Sartre sobre ela.

Além das preocupações de que ela era uma vítima explorada, Beauvoir também foi retratada como uma megera exploradora. A publicação póstuma das cartas de Beauvoir a Sartre e seus diários da Segunda Guerra Mundial revelou que ela manteve relações sexuais com três jovens mulheres no final da década de 1930 e início dos anos 1940, todas ex-alunas. Em alguns casos, Sartre mais tarde se relacionaria com elas também. Já é bastante ruim, dizem os objetores, que ela tenha posto as garras sobre mulheres muito mais novas e em dinâmica de poder desigual. Teria Simone de Beauvoir preparado as jovens para Sartre? O casal do pacto claramente valorizava dizerem a verdade um ao outro – era uma parte crucial da mitologia pública do relacionamento dos dois. De modo que quando os detalhes de seus trios vieram à tona, provocaram choque, repulsa e assassinatos de caráter: “Eis que esses dois defensores de dizer a verdade constantemente contavam mentiras a uma série de jovens mulheres emocionalmente instáveis”.³⁹

Mas o desdém que provocaram foi, de novo, suspeitosamente assimétrico: seja porque Beauvoir era mulher, ou porque era a mulher que escrevera *O segundo sexo*, parecia muito mais surpreendente que ela pudesse ser culpada de tal comportamento. Quando o diário de guerra de Beauvoir foi publicado em inglês, em 2009 (*Wartime Diary*), um crítico enojado intitulou sua resenha “A mentira e o nada”, expressando choque por Beauvoir ter escrito “uma página desonesta atrás da outra” em suas memórias.⁴⁰ Aos olhos de alguns leitores, Beauvoir só se importava consigo mesma, e seus romances eram escritos por vaidade. Quando as cartas de Beauvoir a Sartre foram publicadas em inglês, em 1991, Richard Heller a chamou de “insípida” e lamentou a “qualidade desanimadora e narcisista do material”.⁴¹

Alguns leitores podem ficar tentados a desistir de Beauvoir quando descobrem como ela descreveu essas mulheres. Uma de suas amantes

– de quem Beauvoir permaneceu amiga até sua morte – escreveu um livro de memórias após a publicação póstuma das cartas de Beauvoir a Sartre. Embora houvessem se passado décadas depois dos eventos que as cartas representavam, ela se sentiu usada e traída ao lê-las. Em quem se deve acreditar – e quando? Qual o sentido dessas acusações contra a mesma mulher que mais tarde escreveu uma ética rigorosa exigindo que as mulheres fossem tratadas com o respeito condizente com sua dignidade como seres humanos livres e conscientes? Afinal, foi por causa de Beauvoir que a palavra “sexismo” foi acrescentada ao dicionário francês.⁴² Ela foi admirada por feministas como Toril Moi e Bell Hooks como “a intelectual emblemática do século XX”, “a única mulher intelectual, pensadora, escritora que viveu completamente a vida da mente, como eu a desejava viver”.⁴³

As respostas a essas perguntas são importantes porque a autoridade de Beauvoir foi invocada por muitas feministas para sancionar suas reivindicações – independente de se ela concordaria com elas ou não. “Simone de Beauvoir” se tornou um produto feminista e pós-feminista icônico: “uma marca registrada de si mesma, uma pessoa transformada em uma marca”.⁴⁴ Mas a percepção da marca é notoriamente inconstante. Enquanto algumas feministas celebravam sua análise perceptiva da opressão feminina, as críticas de Beauvoir aos ideais de amor, em particular, enfureceram algumas de suas contemporâneas, que retaliaram menosprezando-a e insultando-a. Ao publicar um trecho de *O segundo sexo*, em maio de 1949, alegando que as mulheres não queriam uma batalha dos sexos, mas sim (entre outras coisas) sentir “o desejo e o respeito” dos homens na vida sexual, o prestigiado autor François Mauriac perguntou com escárnio: Uma publicação filosófica e literária séria é realmente o lugar para o assunto tratado por madame Simone de Beauvoir?⁴⁵ Quando Pascal perguntou se havia um conflito entre amor e justiça, ele estava fazendo filosofia. Kant e Mill ao discutir o lugar do amor na ética, estavam fazendo filosofia.⁴⁶ Mas quando Beauvoir estendeu as discussões sobre amor e justiça para relacionamentos íntimos entre homens e mulheres, foi chamada de “Madame” – para chamar vergonhosa atenção a seu status de solteira – e acusada de “baixar o nível”.

Em retrospectiva, parece que Beauvoir estava recebendo uma ofensiva *ad feminam*: se seus críticos pudessem reduzi-la a um *fracasso* como mulher, destacando seu desvio da feminilidade; ou um fracasso como pensadora, porque ela não era original e devia tudo a Sartre; ou um fracasso como ser humano, destacando seu desvio de seus próprios ideais morais, então, suas ideias poderiam ser sumariamente descartadas, em vez de seriamente debatidas.

Por uma questão de princípio, claramente, homens e mulheres podem ser enfraquecidos pela falácia *ad hominem*, uma estratégia argumentativa que desvia a atenção do tópico em questão ao atacar o caráter ou os motivos de uma pessoa. Mas Beauvoir não foi apenas acusada de ter caráter pobre e motivos doentios; ela foi acusada de ser contra a natureza, de ser um fracasso *como mulher*. Pesquisas recentes em psicologia sugerem que as mulheres que alcançam posições chamadas agênticas – ou seja, posições em que mostram ação, incluindo competência, confiança e assertividade – são frequentemente punidas com “penas de domínio social”. Se as mulheres rompem as hierarquias de gênero competindo por ou alcançando posições tradicionalmente masculinas e de alto status, em geral são percebidas como arrogantes ou agressivas, e seu castigo é serem “derrubadas” ou “postas em seu lugar” – às vezes completamente inconscientemente – para manter a hierarquia de gênero.⁴⁷

Beauvoir transgrediu essa hierarquia na prática e na teoria: suas ideias tinham o poder de perturbar a vida de homens e mulheres, e ela tentou viver sua vida de acordo com elas. Nesse sentido, a história de Beauvoir – sozinha e com Sartre – levanta questões não apenas sobre o que é verdade acerca dessa mulher e desse homem, mas também sobre o que podemos afirmar que é verdade sobre homens e mulheres em geral. No cenário intelectual de hoje, cada vez menos se considera universalmente verdadeiras as amplas categorias “homem” e “mulher”, e essas mesmas categorias são questionadas. Em parte, isso foi possível graças aos pensamentos de Beauvoir. Mas, como veremos, ela era frequentemente penalizada por possuir a audácia de tê-los.

A filosofia de Beauvoir – desde seus diários de estudante até seu último trabalho teórico em *A velhice* – distinguia entre dois aspectos do tornar-se um eu: a visão “de dentro” e a visão “de fora”. Para nos

aproximarmos da visão “de dentro” de Beauvoir, em algumas partes da vida dela dependemos quase inteiramente de suas memórias. Mas existem razões para duvidar do que ela nos conta nelas, de modo que onde o novo material fornece evidências de omissões ou contradições entre relatos, destaquei isso o máximo possível.

Também chamei atenção para a maneira como a compreensão de Beauvoir foi se modificando à medida que ela envelhecia. Sabemos que as opiniões dos seres humanos mudam com o tempo; estudos psicológicos mostram repetidamente que os autoconceitos mudam e nossas memórias são selecionadas para corresponder a eles.⁴⁸ Também é sabido que os humanos se apresentam de várias maneiras, dependendo de sua plateia. Em algumas partes da vida de Beauvoir, temos cartas e diários particulares – mas cartas são sempre escritas para um leitor em particular, e até os diários podem ser escritos com vistas à posteridade. Voltaire disse que tudo que devemos aos mortos é a verdade;⁴⁹ mas, entre as histórias que contamos a nós mesmos, as que contamos aos outros e as que eles contam sobre nós, onde está a verdade?

Essa pergunta não tem resposta fácil, e fica ainda mais difícil quando o sujeito do biógrafo é uma mulher. Como observa Carolyn Heilbrun, “biografias de mulheres, se é que foram escritas, foi sob as restrições de uma discussão aceitável, de um acordo sobre o que se pode deixar de lado”.⁵⁰ A vida de Beauvoir desafiou as convenções – afora as considerações sobre a privacidade dos outros e a legalidade do que ela escreveu, teria sido ainda mais escandaloso para ela e alienante para seus leitores se Simone houvesse sido completamente honesta acerca de sua vida. De modo que ela excluiu grande parte de sua filosofia e de seus relacionamentos pessoais; ela deixou de fora grande parte da “visão de dentro”. Há muitas razões que podem justificar isso, e as exploraremos à medida que surgirem no contexto de sua vida. Mas, antes disso, como Beauvoir era uma filósofa, há uma pergunta final a ser feita, e é *por que* a biografia é importante no caso de sua vida e obra em particular.

Alguns filósofos acham que é irrelevante ler sobre a vida de grandes pensadores, porque suas ideias podem ser encontradas nas páginas de suas obras. Por mais interessante ou entediante que seja a vida em questão, ela pertence a um compartimento separado da filosofia. Por outro

lado, outros acreditam que a obra de uma pessoa não pode ser entendida sem a vida, e que saber sobre a vida de um filósofo é necessário para entender o verdadeiro significado de sua obra. A primeira abordagem compartimentalizadora abriga em si a potencial armadilha de que sua a-historicidade pode levar a mal-entendidos: por exemplo, esse modo de ler a filosofia levou ao mal-entendido de que Sartre teria desenvolvido a ética existencialista (apesar de a obra de Beauvoir sobre esse assunto ter sido escrita e publicada primeiro, e de Sartre nunca ter publicado a sua durante sua vida).

A segunda abordagem implica a potencial armadilha de resultar na *redução* de seres humanos a efeitos de causas externas. As biografias “reducionistas” são frequentemente guiadas por um interesse específico que lê a vida de uma pessoa, em vez de deixar que a vida fale por si. Essas abordagens podem ser muito esclarecedoras, mas também podem ofuscar a ação de seus sujeitos, retratando-os como produtos de sua infância ou classe, em vez do eu que decidiram se tornar.⁵¹

A própria Beauvoir teria resistido a uma distinção grosseira entre “vida” e “trabalho” – como se “trabalhar” não fosse viver e “vida” não exigisse trabalho! Um de seus principais insights filosóficos é que todo ser humano está *situado* em um contexto particular, em um corpo particular, em um lugar, tempo e nexos de relacionamentos específicos. Essa situação molda a capacidade de cada indivíduo de imaginar seu lugar no mundo, e muda ao longo da vida. Além disso, no caso das mulheres, essa situação foi moldada por séculos de sexismo.

Escrever sobre a vida de Beauvoir, portanto, traz em si o desafio de outro tipo de reducionismo: pois, além de olhar sua vida com base em experiências formativas da infância e outras lentes psicanalíticas, econômicas, de classe e outras considerações sociais, existem estruturas de sexismo a ser consideradas. Agora sabemos que as obras dela foram cortadas, mal traduzidas ou não traduzidas para o inglês, e que, em alguns casos, os cortes e traduções incorretas alteraram o rigor filosófico e a mensagem política de seu trabalho. Mas, o fato de isso ter acontecido com sua obra provoca a pergunta: por quê? No século XXI, o “feminismo” continua sendo um conceito contestado, com múltiplos significados. A “livre escolha” de uma mulher é a “opressão” de outra. A sátira

de um homem é o sexismo de outro. E foi precisamente esse o tipo de ambiguidade que a filosofia madura de Beauvoir explorou.

Os escritos filosóficos e autobiográficos de Beauvoir tornaram fundamental, para se tornar um eu ético, a tensão entre liberdade e restrição. Sua literatura também explorou esses temas, embora sua relação com a própria experiência de vida de Beauvoir seja contestada. Em seu romance (1945) *O sangue dos outros*, sua personagem Hélène se opõe a ter seus pensamentos ou comportamentos reduzidos ao fato de pertencer à classe baixa: “É ridículo, sempre explicando o comportamento das pessoas por circunstâncias exteriores; é como se o que pensamos, o que somos, não dependesse de nós mesmas”.⁵² E sua filosofia também explorou essa tensão: Em seu ensaio *Por uma moral da ambiguidade*, Beauvoir escreveu que “a noção de ação perderia todo o sentido se a história fosse um mecânico desenrolar no qual o homem aparece apenas como um condutor passivo de forças externas”.⁵³

Esta biografia não alega definitivamente ver a Beauvoir “real”, porque nenhum biógrafo pode alcançar o ponto de vista de Deus na vida humana. Mas este livro é motivado por um desejo de navegar pelo terreno traiçoeiro entre o compartimentar a vida e a obra de Beauvoir e reduzir a obra à vida. Seu objetivo é dar crédito à ideia de que Beauvoir confiava sim em si mesma, e reconhecer – como ela – que parte do que significa se tornar mulher é não estar no controle de todos os aspectos disso. Em *O segundo sexo*, ela escreveu que as mulheres são “condenadas a possuir apenas poder precário: escrava ou ídolo, nunca é ela quem escolhe sua sina”.⁵⁴ Com mais idade, ela percebeu que sua personalidade pública exigia que fosse “Simone de Beauvoir” – e que essa persona tinha poder público –, mas sua filosofia a tornou comprometida com a visão de que tudo que podia fazer era continuar tornando-se ela mesma.

Desde os 15 anos, Beauvoir sentia uma forte vocação para ser escritora, mas nem sempre gostava do que havia se tornado. Em um ensaio filosófico inicial intitulado *Pirro e Cíneas*, Beauvoir escreveu que nenhum ser humano deseja a mesma coisa durante toda a vida. “Não há instante em uma vida em que todos os instantes estejam reconciliados”.⁵⁵ Às vezes, Simone de Beauvoir achava que sua vida era uma fonte da qual os outros bebiam. Às vezes, sentia-se oprimida pela dúvida ou lamentava

profundamente a maneira como tratava a si mesma e aos outros. Ela mudava de ideia e mudava a ideia dos outros. Lutava contra a depressão. Amava a vida; tinha medo de envelhecer e terror da morte.

Quando a vida de Beauvoir estava próxima ao fim, ela concordou em ser entrevistada por Deirdre Bair para uma biografia, em parte porque Bair queria escrever sobre toda sua vida, não apenas sobre o feminismo.⁵⁶ Beauvoir não gostava de ser reduzida a uma única dimensão. O livro de Bair – a primeira biografia póstuma de Beauvoir (1990), a qual muitos ainda consultam para aprender sobre sua vida – teve o benefício de muitas entrevistas com seu sujeito. Mas, em vários aspectos, recontou a história que Beauvoir já havia tornado pública.

Esta é a primeira biografia dela a contar a história que ela não tornou pública: a mostrar a formação da mulher intelectual antes de conhecer Sartre, como ela desenvolveu e defendeu sua própria filosofia de liberdade, como escreveu romances porque queria sensibilizar as liberdades de seus leitores, como o fato de escrever *O segundo sexo* mudou sua vida e como ela se voltou para a escrita e o ativismo feminista porque queria ser uma intelectual cujas obras causassem impacto não só na imaginação dos leitores, mas também nas condições concretas de sua vida.

Escrever este livro foi intensamente intimidador – às vezes até aterrorizante. Beauvoir era uma pessoa humana, cuja memória eu não quero distorcer – seja a mais confusa, inspiradora ou perturbadora. Não importa quão bem documentada seja uma vida, a documentação de uma vida não é a própria vida. Fui seletiva, sabendo que sou guiada pelos interesses de minha própria situação, e confiei em informações que já haviam sido submetidas à seleção de Beauvoir. Tentei mostrar todo o espectro de sua humanidade: sua confiança e suas dúvidas, sua energia e seu desespero, seus apetites intelectuais e suas paixões físicas. Não incluí todas as palestras, todos os amigos nem todos os amantes. No entanto, incluí sua filosofia, porque eu não poderia ser sincera com suas contradições ou suas contribuições sem ela.

Beauvoir viveu uma vida épica: era uma viajante que cruzava com Picasso e Giacometti, Josephine Baker, Louis Armstrong e Miles Davis, sem falar de um número monumental de ícones literários, filosóficos e feministas do século XX. Charlie Chaplin e Le Corbusier foram às festas

de Nova York em sua homenagem, e certa vez ela alegou ter fumado seis baseados sem ficar doidona.⁵⁷ Mas, sem a filosofia, Simone de Beauvoir não teria se tornado “Simone de Beauvoir”, e isso é importante por duas razões de peso: porque o mito de que Beauvoir era discípula de Sartre já foi perpetuado por tempo suficiente, e porque os desentendimentos, as conversas constantes entre eles são uma parte crucial do modo como Beauvoir se tornou ela mesma.

Mas isso é apenas uma parte. Em 1963, Beauvoir escreveu que:

a dimensão pública da vida de um autor nada mais é que uma dimensão única, e acho que tudo que tem relação com minha carreira literária é apenas um aspecto de minha vida privada. E é exatamente por isso que eu estava tentando descobrir, tanto para mim quanto para os leitores, o que o fato de ter certa existência pública significa do ponto de vista privado.⁵⁸

Beauvoir foi crítica da filosofia de Sartre e de seu amor; no entanto, ele permaneceu para ela – como rapidamente se tornou nas semanas depois que ela o conheceu – “o amigo incomparável de meu pensamento”. Os pensamentos dela eram profundamente desafiadores para seus contemporâneos, e foram silenciados, ridicularizados e desprezados. Ela escolheu uma vida que lhe permitisse pensar e escrever porque valorizava sua mente e tinha certeza de sua fertilidade. Aos 19 anos, Beauvoir escreveu em seu diário que “a parte mais profunda de minha vida são meus pensamentos”.⁵⁹ E, apesar de tudo que havia se tornado na vida, 59 anos depois, a Beauvoir de 78 anos ainda concordava: “para mim, a coisa mais importante foi minha mente”.⁶⁰

Virginia Woolf escreveu que existem “algumas histórias que cada geração precisa contar”.⁶¹ Mas, no caso de Beauvoir, grande parte de sua história era invisível demais para ser contada. O relato que lemos nos diários e cartas de Beauvoir – sobre seu amor à filosofia e seu desejo de amar de maneiras sem precedentes – muda a forma da vida que se seguiu a isso.



FIGURA I – Simone de Beauvoir cercada por sua família paterna em Meyrignac, verão de 1908. Da esquerda para a direita: Georges, Ernest (avô de Simone), Françoise, Marguerite (tia de Simone) e seu marido Gaston (irmão de Georges)

Criada como uma garota

Às 4h30 da manhã de 9 de janeiro de 1908, Simonne Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir nasceu no sexto distrito de Paris e em convenções sociais asfixiantes.¹ O primeiro ar que ela respirou provinha das janelas do segundo andar com vista para a avenida Raspail, e aos 4 anos, já dominava a arte de extrair seus cartões de visita entalhados da bolsa de veludo que levava quando acompanhava sua mãe à casa das pessoas.² Beauvoir viveria na mesma zona chique de Paris por quase toda sua vida, mas, na época de seu nascimento, a fortuna da família estava minguando.

Os Bertrand de Beauvoir eram da alta burguesia, originária da Borgonha. Um de seus ancestrais recebeu um título aristocrático em 1786, mas perdeu a cabeça depois da Revolução, em 1790. Apesar de ter ocorrido mais de um século antes do nascimento dela, esse incidente dividiu biógrafos de Beauvoir, que divergem na avaliação da reputação social de sua família. Bair dá muita importância ao *pedigree* de Beauvoir, porém a irmã de Simone, Hélène, atribuiu-lhe muito menos relevância. Após a decapitação de seu estimado antepassado, a família não deu muita importância a suas pretensões aristocráticas.³

No entanto, eles ainda possuíam terras, com um castelo, em Limousin. Mas o pai de Simone, Georges de Beauvoir, não era o primogênito, portanto, não as herdaria. Ele era intelectualmente talentoso e charmoso, contudo suas aspirações não se alinhavam com as de seus pais – ele queria ser ator. Seu pai o incentivava a seguir uma profissão mais respeitável, e o decoro prevaleceu: Georges estudou direito e trabalhou no escritório de um conhecido advogado parisiense. Ele não era ambicioso – nem seu pai nem seu irmão precisavam trabalhar para ganhar a vida, e embora

sua mãe tentasse incutir nele o valor do trabalho, isso nunca se enraizou nele. No entanto, ele queria se casar, e, por fim, abandonou seu cargo de secretário para exercer o direito por conta própria, na esperança de que isso melhorasse suas perspectivas.

Graças à intermediação de seu pai, ele encontrou uma candidata adequada: Françoise Brasseur, uma jovem de uma família do norte com um dote considerável. Embora seu nome não tivesse uma partícula aristocrática (como o “de” em Bertrand de Beauvoir), os Brasseur eram muito mais ricos que os Bertrand de Beauvoir. Gustave Brasseur, o pai da noiva, era um banqueiro de Verdun muito bem-sucedido. Françoise era sua primeira filha, mas a menos amada: seu nascimento frustrara suas esperanças de um herdeiro. Ela foi educada em um convento, e seus pais tinham pouco interesse nela, até se depararem com desafios financeiros, o que os fez lembrar que Françoise estava bem na idade de casar. Essa não foi a única vez que os Brasseur demonstraram decepção diante de um nascimento feminino: depois de vivenciar isso como filha, Françoise o sentiu como mãe, e ao longo de sua vida sofreu com a frieza de seus pais.⁴

Quando as duas famílias se conheceram, em 1905, estavam no terreno neutro de um resort em Houlgate, Normandia. Françoise não estava entusiasmada com o encontro, mas nervosa devido ao ritual artificial que se esperava dela. Segundo os costumes, sua primeira aparição diante de seu pretendente foi cuidadosamente arranjada. No hotel, ela estava cercada por suas colegas de classe do convento, em um cenário que mostrava sua beleza e seu caráter social, para que ele pudesse avaliar a aptidão de sua companheira em potencial enquanto ela presidia a conversa e o chá. Algumas semanas após o encontro, Georges fez o pedido. E embora o casamento tenha sido arranjado, no dia do casamento, 26 de dezembro de 1906, eles também estavam unidos pelo amor.⁵

Desses primeiros anos, Simone recordava o relacionamento de seus pais como apaixonado, tanto emocional quanto fisicamente.⁶ Logo após o primeiro aniversário de casados, Simone nasceu. Embora felizes, sua mãe, de 21 anos, e seu pai, de 31, ainda estavam negociando a combinação de suas vidas e a competição de suas expectativas. O endereço da família – boulevard du Montparnasse, 103 – refletia o status de Georges,

mas seus móveis, não. Georges queria recriar o esplendor da casa de seu pai; Françoise era jovem, provinciana, e sentia-se desorientada na sociedade em que se encontrava.

Apesar de suas diferenças (ou talvez porque as circunstâncias as mantinham adormecidas), durante alguns meses felizes a família entrou em um ritmo harmonioso: era o papel de sua criada, Louise, dar banho e alimentar Simone, bem como cozinhar e cuidar de outras tarefas domésticas. Georges ia para o trabalho nos tribunais de apelação todas as manhãs, frequentemente voltando à noite com as flores favoritas de Françoise. Eles brincavam com seu bebê antes que Louise a levasse para a cama, jantavam juntos quando Louise voltava para servi-los e passavam o começo da noite lendo em voz alta e bordando. Georges considerava sua responsabilidade fornecer à esposa a cultura adequada a sua classe; Françoise assumia como sua responsabilidade garantir que seu aprendizado nunca excedesse a quantidade ou o tipo adequado a seu gênero.

Dois anos e meio após o casamento dos dois, em 1909 eles ainda não haviam recebido o dote de Françoise quando seu pai fugiu de Verdun em desgraça. O banco de Gustave Brasseur foi condenado à liquidação em julho de 1909 e tudo foi apreendido para venda, incluindo os bens pessoais da família Brasseur. Para somar insulto às injúrias já ignomínias, ele foi mandado para a prisão, onde passou treze meses antes de ser julgado e condenado a mais quinze. Mas sua influência anterior ainda exercia certo poder; ele foi libertado antes. Então, mudou-se para Paris com a esposa e sua filha mais nova, para morar perto de Françoise e recomeçar.

Essa reviravolta significava que o dote de Françoise nunca seria pago, mas, no início, a família se manteve harmoniosa e esperançosa mesmo assim. Estavam felizes, e sua fortuna parecia segura: Georges tinha uma renda razoável com seu trabalho, e sua própria herança (embora modesta) havia sido investida da maneira que julgavam sábia. A atenção de Georges a Françoise era terna, e ela se transformou em uma mulher sorridente e cheia de vida.⁷

Em 9 de junho de 1910 nasceu uma segunda filha. Foi batizada de Henriette-Hélène Marie, mas era chamada de Hélène, ou, no seio da família, *Poupette* (que significa “bonequinha”). Embora Hélène tivesse

apenas dois anos e meio a menos, Simone a via como uma estudante que precisava de sua tutela especializada – ela já era uma professora em formação. A família esperava um menino, e Beauvoir detectou a decepção com o nascimento de Hélène; escreveu em suas memórias (com seu eufemismo característico) que “talvez não seja totalmente irrelevante o fato de seu berço ser o centro de comentários arrependidos”.⁸ Nas memórias de Hélène, lemos que, após o anúncio do nascimento, seus avós haviam escrito uma carta parabenizando Georges e Françoise pela chegada de um filho. Eles não se deram ao trabalho de gastar mais papel quando foram informados de que era uma menina; simplesmente acrescentaram um pós-escrito: “Soube que foi uma menina, segundo a vontade de Deus”.⁹

Beauvoir descreveu que viveu seus primeiros anos com uma sensação de “segurança inalterável”, interrompida apenas pela constatação de que ela também acabou se vendo “condenada a ser uma pária da infância”. Ela adorava ficar ao ar livre explorando a natureza, correndo pelos gramados e examinando folhas e flores, frutos e teias de aranhas. Todo verão, a família passava dois meses no campo: um mês na casa da irmã de Georges, Hélène (um castelo com torre do século XIX chamado La Grillère), e outro na propriedade do pai deles, Meyrignac. O castelo de Meyrignac estava situado em uma grande propriedade de mais de duzentos hectares, proporcionando uma grande oportunidade a Simone de se perder na beleza da natureza. Sua admiração pelos espaços naturais seria uma característica permanente em sua vida; ela continuou associando o campo à solidão, liberdade e aos mais altos picos de felicidade.¹⁰ Mas, apesar de toda sua grandeza, para surpresa de alguns visitantes parisienses, o castelo não tinha eletricidade nem água corrente.¹¹

Seu apartamento em Paris, por outro lado, era luxuoso, brilhante e carregado de vermelho – estofados vermelhos, uma sala de jantar renascentista vermelha, cortinas de veludo vermelho e seda vermelha. As paredes da sala de estar eram espelhadas, refletindo a luz de um lustre de cristal, e havia descansos de prata para as facas de mesa. Na cidade, Françoise, em vestidos de tule e veludo, dava boa-noite à sua filha antes de voltar a tocar piano de cauda para seus convidados. Ali, a solidão e os espaços naturais eram mais difíceis de encontrar: Simone

tinha que se contentar com aqueles “parquinhos vulgares”, os Jardins de Luxemburgo.¹²

Simone foi uma leitora precoce, e sua família cultivava sua curiosidade com muito cuidado. Seu pai fez uma antologia poética para ela, ensinando-lhe a recitá-la “com expressão”, enquanto sua mãe a inscrevia em serviços de assinatura de livros em uma biblioteca atrás da outra.¹³ O ano do nascimento de Simone foi quando as escolas estaduais francesas finalmente receberam permissão para preparar as meninas para o *baccalauréat* – o exame que permitia o acesso às universidades. Mas, uma garota do meio de Beauvoir não frequentava uma escola estadual. Em outubro de 1913 (quando Beauvoir tinha 5 anos e meio), ficou decidido que ela frequentaria uma escola católica particular, o Adeline Désir Institut – que ela apelidou de *Le Cours Désir* [O curso dos sonhos]. Embora Beauvoir mais tarde recordasse ter pulado de alegria com a perspectiva de ir para lá, era um estigma para uma garota de seu status ser educada em uma escola – as que tinham recursos tinham governantas em casa. Ela frequentava a escola apenas dois dias por semana – quartas e sábados –, e o resto do tempo os trabalhos escolares eram supervisionados por sua mãe em casa, com seu pai mostrando interesse por seu progresso e sucesso.¹⁴

Hélène sentia falta da irmã nos dias de escola, e o relacionamento entre elas continuava muito próximo, em parte devido a um profundo afeto, e em parte porque as meninas não tinham permissão para socializar com alguém que sua mãe não houvesse checado – e ela não achava que muitas das crianças passariam pela inspeção. Georges e Françoise idolatravam a mais velha, mas não consideravam Hélène um indivíduo em si. Hélène sabia que seus pais tinham orgulho da irmã; quando Simone foi a primeira da classe, foi elogiada profusamente por sua mãe; Quando Hélène também foi a primeira de sua classe, Françoise creditou seu sucesso ao fato de ter mais facilidade por ter uma irmã mais velha para ajudá-la. Hélène reconhecia que “como segunda filha, eu não era realmente uma criança bem-vinda. Mas Simone me valorizava, mesmo podendo ter me esmagado ficando do lado de nossos pais, e é por isso que permaneci apegada a ela. Ela sempre foi gentil, sempre me defendia deles”.¹⁵ A família tinha poucos brinquedos, mas as irmãs gostavam de brincar com jogos imaginários e de trocar confidências.¹⁶



FIGURA 2 – Françoise de Beauvoir com suas filhas, Hélène (esquerda) e Simone (direita)

Aos 7 anos, Simone teve sua primeira comunhão privada – iniciando uma prática que continuaria a observar três vezes por semana, com a mãe ou na capela particular do Cours Désir. No mesmo ano, ela escreveu a primeira de suas histórias remanescentes, *Les Malheurs de Marguerite* [As desgraças de Marguerite] – tinha cem páginas, escritas à mão em um pequeno caderno que ganhara de seu avô Brasseur.¹⁷

Até os 8 anos de idade, tinha apenas outra criança que Simone considerava digna de seu respeito: seu primo Jacques. Ele era seis meses mais velho que ela, e havia tido uma educação de menino – e das boas. Ela ficava deslumbrada com a confiança dele. Um dia, ele fez um vitral com o nome dela inscrito. Decidiram que eram “casados aos olhos de Deus”

e ela dizia que ele era “seu noivo”.¹⁸ Em retrospecto, Hélène escreveu que se não fosse pelo isolamento delas, Simone não teria atribuído tanta importância a esse noivo infantil. Mas, por pelo menos uma década, ela pensou que realmente se casaria com ele.

No dia em que Beauvoir entrou no quarto ano (aos 9 anos), ela conheceu uma segunda criança, de fora de sua família imediata, digna de seu respeito: alguém cuja vida e morte teriam um efeito profundo nela. Elisabeth Lacoin – Zaza, como Beauvoir a chamava¹⁹ – era uma estudante brilhante e cheia de vida do Cours Désir, e depois de se conhecerem na escola, as duas desenvolveram uma rivalidade amigável. Ela mostrou a Simone uma nova e deliciosa dimensão da vida: a amizade. Com Hélène, Simone havia aprendido o que significava “nós”; com Zaza, pela primeira vez, ela entendeu o que significava sentir falta de alguém.

Hélène de Beauvoir descreveu Zaza como muito intensa – “como um cavalo de corrida sedoso e elegante, pronto para perder o controle”²⁰ –, mas, aos olhos de Simone, ela era uma maravilha. Tocava piano lindamente, escrevia com elegância, tornou-se feminina sem perder sua “ousadia de menino” e tinha a coragem de não apenas admirar Racine (como deveria), mas também de odiar Corneille (como não deveria). Ela tinha ideias subversivas, mostrou a língua para a mãe durante um recital de piano, e apesar de tais demonstrações de “personalidade”, foi recebida pela mãe de Simone com amor e carinho.

Então, com a doçura da amizade, Beauvoir descobriu um sabor amargo: o da comparação.

Mais tarde, ela percebeu que não era uma disputa justa comparar sua própria vida e sua mãe com a de Zaza: “Eu me sentia ‘de dentro’, e a via de fora”.²¹ Aos 18 anos, Beauvoir já usava essa distinção que passaria a desempenhar um papel significativo em sua obra, entre a “dualidade tão frequentemente observada entre o ser que sou dentro de mim e o ser visto de fora”.²²

Com o benefício da retrospectiva, Beauvoir reconheceu que a mãe de Zaza, madame Lacoin – como os pais de Simone observaram no dia em que começaram a incentivar a amizade com Zaza –, era de uma boa família católica, havia feito um bom casamento católico e era uma boa mãe católica de nove filhos. Também era rica, e segura o bastante de

seu status para tolerar os desafios de Zaza, porque podia se dar ao luxo de rir das convenções. Mas o mesmo não se poderia dizer de madame de Beauvoir.

Se uma infância pudesse ser resumida em mandamentos, os dois maiores de Simone de Beauvoir eram “Não farás o que é impróprio” e “Não lerás o que é inadequado”. Françoise de Beauvoir havia tido uma criação inabalavelmente rígida, com “decoro provinciano e moral de uma garota de convento”.²³ Sua fé inabalável em Deus era acompanhada por um zelo igualmente inexpugnável pela etiqueta: ela “nunca sonhou em protestar, de maneira alguma, contra algo ilógico sancionado por convenções sociais”.²⁴ Se isso significasse que um amigo vivendo “em pecado” com uma mulher poderia ser recebido em sua casa, mas a mulher não, que assim fosse. Nas palavras da filha, Françoise era “capaz de confundir sexualidade com vício”. Ela confundia desejo com pecado. Como as convenções permitiam indiscrições aos homens, ela também as permitia; as mulheres suportavam o peso de sua insatisfação. Ela ficava enojada com perguntas “físicas” e nunca as abordava com suas filhas – Simone teve que aprender sobre as surpresas da puberdade com sua prima Madeleine.

Madeleine era mais velha que Simone e sabia mais sobre corpos e o uso “impróprio” deles. Num dia de verão no campo, ela contou a Simone e Hélène sobre as mudanças que elas sofreriam no corpo em breve: que haveria sangue e bandagens. Deu definições para termos misteriosos – como “amante” –, despertando curiosidade sobre a cadeia causal que precede o nascimento de uma criança. Encorajadas por novos conhecimentos, quando as irmãs retornaram a Paris e à mãe, Hélène perguntou a madame de Beauvoir de onde saíam os bebês. Ela disse que saíam do ânus, sem dor. Nesse e em outros casos, Françoise enganou de maneira chocante as filhas sobre as possibilidades de seus próprios corpos: Beauvoir passaria a ver seu corpo como “vulgar e ofensivo”.²⁵

Mas a mente, por outro lado, Françoise não negligenciava – ela até aprendeu inglês e latim para ajudar melhor suas filhas. Georges e Françoise atribuíam um alto valor à educação – uma menina com boa educação também fazia boas leituras – mas estavam longe de ser unificados em relação à religião. Françoise era tão devotamente católica quanto Georges

era dogmaticamente ateu. Essa polaridade deve ter provocado um impacto profundo em Simone. Seu pai lhe fornecia livro após livro, cuidadosamente selecionados entre as grandes obras da literatura. Sua mãe lhe fornecia literatura religiosa e um modelo vivo de devoção católica e autossacrifício. Frequentava as aulas das filhas (o Cours Désir permitia que as mães o fizessem até as meninas terem 10 anos) e as levava regularmente à missa em Notre-Dame-des-Champs ou Saint Sulpice. Em meados da adolescência, tanto os estudos quanto o catolicismo provariam ser fontes de tensão entre Simone e seus pais. Mais tarde, ela descreveu sua infância como suspensa entre ceticismo e fé, e atribuiu a esse “desequilíbrio” o fato de tornar sua vida “uma espécie de disputa interminável”. Essa era, pensava ela, a principal razão de ter se tornado intelectual.²⁶

Assim que a Primeira Guerra Mundial foi declarada, em agosto de 1914, Georges e Françoise temiam a ocupação, e a família ficou em La Grille até poderem determinar que era seguro voltar a Paris. Lá, Simone se lembrava de fazer conservas e tricotar para o esforço de guerra como “a única vez na vida que fiz esse tipo de tarefas femininas com prazer”.²⁷ No ano anterior, Georges havia sido dispensado do exército devido ao coração fraco. Mas foi chamado para o serviço ativo, e estava no front em outubro. Em poucas semanas, ele teve um ataque cardíaco e foi de novo dispensado do serviço ativo e mandado para um hospital militar a fim de se recuperar. Quando deixou o hospital e voltou para Paris, no início de 1915, reassumiu no Ministério da Guerra. Paris era assolada pela inflação, sua renda era minúscula e os retornos de seus investimentos estavam caindo depressa. Suas despesas, no entanto, não foram adaptadas de acordo com essa situação.

Durante esses anos, a bela infância de Simone mudou para uma adolescência estranha. Enquanto as feições saudáveis de boneca de Hélène tornavam seu epíteto *Poupette* cada vez mais apropriado, Beauvoir comia pouco, parecia doente e recebeu um diagnóstico de escoliose. O rigor da ode moral de sua mãe, o aperto das finanças da família e as regras de Paris sob blecaute deram a suas tendências cada vez mais compulsivas outros caminhos para obter a aprovação de seus pais.

Ela havia se tornado uma moça bem-comportada – mas seu universo começou a cambalear.